**EXPERIMENTAÇÕES COM A LITERATURA: FLUXOS E FORÇAS DESEJANTES NOS ENCONTROS COM CRIANÇAS E DOCENTES**

Andréa Scopel Piol

Mestre em Educação.

Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: andrea\_scopel@hotmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1118-0903

Jannaina Calixto de Lima

Mestre em Educação.

Doutoranda pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.

E-mail: [jannainacl@gmail.com](mailto:jannainacl@gmail.com)

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8419- 4863

Este ensaio apresenta uma composição de duas pesquisas de doutorado em andamento que aposta na força dos signos artísticos, na potencialização de currículos inventivos que atravessam o cotidiano de escolas públicas da educação básica. Pesquisas que deslizam pela via da literatura e da contação de histórias como um campo aberto de outros possíveis entre aprendências de crianças e docentes, provocando percepções e afecções na produção de fabulações e experimentações do sensível. Aposta nos encontros entre fluxos desejantes de uma infância do pensamento vivenciados com crianças da rede pública de Aracruz, ES e na contação de histórias em redes de conversações experimentados em formação de professores da educação infantil do município de Serra, ES. Assim, na tecitura com a filosofia da diferença, transita entre a investida na afirmação de encontros que produzam fluxos e forças desejantes em processos de criação de currículos outros.

**Palavras-chave:** Literatura. Infâncias. Currículos.

[...] estou percebendo uma realidade enviesada.

Vista por um corte oblíquo.

Só agora pressenti o oblíquo da vida.

Antes só via através de cortes retos e paralelos.

Não percebia o sonso traço enviesado.

Agora adivinho que a vida é outra.

Que viver não é só desenrolar sentimentos grossos –

é algo mais sortilégico e mais grácil,

sem por isso perder o seu fino vigor animal

[...].

Conheço um modo de vida que é sombra leve desfraldada ao vento

e balançando leve no chão:

vida que é sombra flutuante,

levitação e sonhos no dia aberto:

vivo a riqueza da terra.

(Clarice Lispector, Água viva, 1973).

Clarice Lispector, em sua escrita literária, produz sensações de estranhamentos que deslocam a vida do mundo habituado para outras experimentações na arte da palavra: um modo de existência que é sombra, leveza, vento, sonhos no dia aberto, vibrações, realidade oblíqua que escapa o tempo todo na potencialidade de transgressão, de contestação de normas e padrões.

Sem medos, busca romper com a formatação dominante instituída pelas brechas abertas das palavras, desarticulando-as no movimento criativo. Uma experiência que se lança na linguagem viva que parece escrever com e para o corpo na composição de sensações novas, na alegria, fazendo evocar a potência dos afetos em comunhão com o mundo que nos rodeia, um bem compartilhado por todos.

A escritora experimenta um novo modo de estar no mundo e isso se relaciona ao que Spinoza escreve na abertura de sua obra *Tratado da Correção do Intelecto*:

Desde que a experiência me ensinou ser vão e fútil tudo o que costuma acontecer na vida cotidiana, e tendo eu visto que todas as coisas de que me arreceava ou que temia não continham em si nada de bom nem de mau senão enquanto o ânimo se deixava abalar por elas, resolvi, enfim**, indagar se existia algo que fosse o bem verdadeiro e capaz de comunicar-se**, e pelo qual unicamente, rejeitado tudo o mais, **o ânimo fosse afetado**; mais ainda, se existia algo que, achado e adquirido, **me desse para sempre o gozo de uma alegria contínua e suprema** (Spinoza, s.d, n.p, grifo nosso).

Essa passagem de Spinoza afirma que a experiência lhe ensinou que as coisas que ele tinha medo não deveria lhe causar medo nenhum, era tudo vão, porque o bom e o mau das coisas dependem da maneira na qual nos relacionamos com elas. Assim, então, tenta instituir uma vida nova, indagando se haveria um “bem verdadeiro e capaz de comunicar-se”, fruir durante toda a vida nas afetações dos corpos com contínua alegria. Um bem que não fosse fruído sozinho, mas compartilhado por todos.

Assim, este ensaio lança-se na composição de duas pesquisas de doutorado em andamento vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, que aposta na força dos signos artísticos em movimentos experimentados em *espaçostempos* distintos vivenciados com crianças e docentes. Tenciona problematizar a potencialização de currículos inventivos entremeados no cotidiano de escolas públicas da educação básica. Movimentos de pesquisas que deslizam pela via da literatura e da contação de histórias como um campo aberto de outros possíveis entre aprendências de crianças e docentes, provocando percepções e afecções na produção de fabulações e currículos inventivos. Buscamos assim, aberturas de outros modos possíveis de aprendências nos encontros deixando fruir a vida nas afetações dos corpos, sem medos, com alegria e experimentações do sensível em um compartilhar coletivo de fluxos e forças.

Experimentar currículos com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental e adentrar espaços de formação de professores da educação infantil são desafios que convida-nos à “vida” em toda sua fruição e potência. É desafiar o improvável, o estabelecido, o arquitetado. É estar aberto às intensas transformações e deslocamentos que o cotidiano desses *espaçostempos* nos provoca. É criar, inventar, aprender, experimentar, ousar em cada encontro, acontecimento que experimentamos no cotidiano escolar. Assim, ao lançarmos-nos nesses movimentos de encontros com crianças e docentes durante as pesquisas de doutoramentos, apostamos nas forças de currículos outros e nas redes de conversações como potencializadora de aprendizado nos movimentos coletivos (Carvalho, 2009).

Encontros que movimentam os pensamentos de crianças e docentes desejosos de sentir as sombras flutuantes da vida, que anseiam levitar sonhos em abertura para uma riqueza de viver e sentir os fluxos nos cotidianos escolares diante de tempos desafiadores.

Diante desses desafios de transformações nas esferas sociais e educacionais, buscamos um diálogo entre as composições literárias e práticas com a contação de histórias nos movimentos entre infâncias com crianças e docências em processos formativos no desejo de promover passagens, aberturas, encontros com o sensível, problematizando as experimentações e forças enquanto possibilidades de criação de currículos outros.

Mesa com cadeiras

Descrição gerada automaticamenteGrupo de pessoas sentadas na grama

Descrição gerada automaticamenteNesse desejo de criação, apostamos no uso da literatura e da contação de histórias como um encontro entre afetos e provocações de pensarmos infâncias e docências que nos povoam, lançando mão de artefatos diversos para disparar o pensamento e possibilitar a fruição de fluxos e forças que tragam afecções e acessem a ordem do sensível.

Fonte: Acervos das pesquisadoras (2023).

Grupo de pessoas sentadas na grama

Descrição gerada automaticamentePessoas sentadas no chão

Descrição gerada automaticamente com confiança médiaAs experimentações vivenciadas nas pesquisas produzem outros modos de partilhar afetos entre os corpos, potencializando alegrias e forças na criação de currículos outros. A partir desses movimentos, indagamos: que forças emergem nos encontros entre corpos e fluxos literários com crianças e docentes? Que afetos reverberam nesses movimentos que possibilitam experimentar currículos outros?

Fonte: Acervos das pesquisadoras (2023).

Assim, no entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas, os corpos afetam e são afetados por alegria, aumentando a potência de agir uns dos outros na arte dos encontros, nas aberturas, nas “maneiras de ser e das ‘ocupações’ num espaço de possíveis” (Rancière, 2009, p. 63). Gestos que potencializam a sensibilidade dos corpos por meio de práticas artísticas na constituição do comum, na partilha do sensível.

Partilha como modo de afetar e sermos afetados nas aberturas, nos encontros que suscitam outros modos de viver e sentir os currículos, movimentando o pensamento e nos convidando a outras possibilidades de vida nos cotidianos escolares e nas pesquisas em educação. Movimentos que nos provocaram a pensar os currículos, as infâncias, as docências, as escolas, como modos de resistência às políticas normativas. Encontros que anseiam por uma vida nos entremeios da imanência dos currículos.

A arte do sensível potencializa vidas em cada dia, nos encontros, nas aulas, nas experimentações alegres entre os corpos com crianças e docentes, produzindo resistência às intempéries e aos desafios cotidianos nos limiares da educação, fazendo aumentar a potência nesse movimento de vida.

Em Deleuze (2002, p. 106-107), os afetos são traduzidos em [...] esforço para experimentar alegria, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa de alegria [...]; mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa de tristeza; [e] quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição.

Desse modo, a alegria é o afeto que expressa a intensidade da nossa força, então, quando nos alegramos, nossa potência de agir expande. Ela depende da qualidade do nosso desejo de expandir afetos alegres que nos encoraja a perder o medo de viver na força dos encontros entre outros corpos que se compõem nas relações ou se decompõem pelas afecções do corpo, pelas linhas dos movimentos e dos afetos que atravessam o plano de imanência (Deleuze, 2002).

Essas pesquisas apostam na filosofia da diferença, lançando-se na metodologia da cartografia que se faz a partir de agenciamentos entrelaçados pelas forças, fluxos e conexões entre corpos, intencionando movimentos de abertura e fruição da dimensão ética-estética-política.

Estar no mundo, então, significa se relacionar com ele, uma vez que o corpo está em interação na medida em que afeta e é afetado por uma determinada alegria ou tristeza, pois, para Spinoza (2009, p. 99), “[...] o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída [...]”. Assim, nas aberturas dos encontros nos encharcamos de alegria nas linhas intensivas que nos desafiam a pensar as infâncias e a docência nos cotidianos escolares de outros modos, aumentando a potência de agir nas aprendências e na expansão de experimentações e fabulações.

**Verão de 2024**

**REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**.Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**:filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SPINOZA, B. **Ética**. 2. ed., 11 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPINOZA, B. **Tratado da correção do intelecto**.Versão eletrônica do livro. Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). [s.d.]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000066.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.